



<http://doi.org/10.7213/2318-8065.05.01.p96-107>

Os pobres como boa notícia para a vida da Igreja: as cartas do Papa Francisco para o dia mundial dos pobres

The Poor as Good News to the Life of the Church: Pope Francis' Letters for the World Day of the Poor

Rogério L. Zanini*

Resumo

O Papa Francisco instituiu, em 2016, o Dia Mundial dos Pobres. Nos três anos seguintes, emitiu, em cada ano, uma carta-mensagem enfatizando a necessidade de a Igreja colocar os pobres, prediletos de Jesus Cristo, no centro de sua missão. Por um lado, o mundo dos pobres se apresenta com uma multiplicidade de expressões: rostos marcados pelo sofrimento, pelas injustiças sociais, pelos bolsões de pobreza próximos de mansões e sendo repelidos por muros e esquemas de alta segurança. Por outro lado, os pobres, sob o olhar da fé que brota do Deus revelado por Jesus Cristo, são para o cristianismo a presença do próprio Deus na história. Assim, os pobres não são apenas destinatários de uma boa ação, de alguns gestos improvisados de caridade, mas, ao contrário, na relação com os pobres se toca com as mãos a carne de Cristo. Este artigo reflete sobre essas questões a partir das cartas do Papa para o Dia Mundial dos Pobres, tendo como chave-interpretativa o conceito de pobreza fruto da Conferência de Medellín (1968), que se dá em uma perspectiva tríade: pobreza como carência, fruto de injustiças; a pobreza evangélica que precisa ser buscada como lembram os profetas e o próprio Jesus de Nazaré; e pobreza como realidade de solidariedade e missão intrínseca da vida da Igreja.

Palavras chave: Pobreza. Magistério pontifício. Papa Francisco.

* Professor e diretor da Itepa Faculdades de Passo Fundo/RS. Doutor em teologia pela PUCRS. Padre da Diocese de Chapecó. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-8771-3799>. Contato: zaninipastoral@hotmail.com.



Abstract

Pope Francis established the World Day of the Poor in 2016. Since then, he wrote, each year, a letter-message emphasizing the need for the Church to place the poor, favorites of Jesus Christ, in the center of her mission. On the one hand, the world of the poor presents itself with a multiplicity of expressions: faces marked by suffering, social injustices, areas blighted by poverty living close to mansions and being repelled by walls and high security schemes. On the other hand, the poor, under the sight of faith, which springs from the God revealed by Jesus Christ, are the presence of God Himself in history. Thereby, the poor are not only recipients of a good deed, some improvised gestures of charity, but, on the contrary, in the relationship with the poor, we touch with our own hands the flesh of Christ. This article reflects on those questions, based on the papal letters for the World Day of the Poor, and taking as a hermeneutical key the concept of poverty established in the Medellín conference (1968) in a triad perspective: poverty as a lack and a fruit of injustice; the evangelical poverty that needs to be pursued as the prophets and Jesus of Nazareth remember; and poverty as a reality of solidarity and an intrinsic mission of the Church's life.

Keywords: *Poverty. Papal magisterium. Pope Francis.*

Introdução

O Papa Francisco instituiu o Dia Mundial dos Pobres, em 2016, como fruto do Ano da Misericórdia, por meio da carta apostólica *Misericordia et Misera*. Nos três anos seguintes, emitiu, em cada ano, uma carta-mensagem enfatizando a necessidade de a Igreja colocar os pobres, prediletos de Jesus Cristo, no centro de sua missão.

O mundo dos pobres se apresenta com uma multiplicidade de expressões: rostos marcados pelo sofrimento, pelas injustiças sociais, pelos bolsões de pobreza próximos de mansões e sendo repelidos por muros e esquemas de alta segurança. Nessa realidade, matando um leão a cada dia, se aventuram a viver a vida. No entanto, os pobres, sob o olhar da fé que brota do Deus revelado por Jesus Cristo, são para o cristianismo a presença do próprio Deus na história. Assim, os pobres não são apenas destinatários de uma boa ação, de alguns gestos improvisados de caridade, mas, ao contrário, na relação com os pobres se toca com as mãos a carne de Cristo. É nos irmãos mais frágeis que o corpo de Cristo continua a ressoar (2017, n. 3).

A reflexão dessas questões constitui o objetivo deste texto que se apoiará, fundamentalmente, nas três cartas-mensagens do Papa Francisco em relação ao Dia Mundial dos Pobres, dos anos 2017, 2018 e 2019. A chave interpretativa para análise das cartas seguirá o conceito de pobreza fruto da Conferência de Medellín (1968). É uma perspectiva tríade: a pobreza como carência, fruto de injustiças (1); a pobreza evangélica que precisa ser buscada como lembram os profetas e o próprio Jesus de Nazaré (2); e pobreza como realidade de solidariedade e missão intrínseca da vida da Igreja (3).

A pobreza como sinal de injustiça: “negação da vida”

O Papa Francisco nas três cartas pinta um quadro realista e dramático dos inúmeros rostos dos pobres. Segundo ele, “passam os séculos, mas permanece imutável a condição de ricos e pobres, como se a experiência da história não ensinasse nada” (2019, n. 1). Francisco aponta para as novas formas de escravidão a que estão submetidos milhões de homens, mulheres, jovens e crianças:

Todos os dias encontramos famílias obrigadas a deixar a sua terra à procura de formas de subsistência noutra lugar; órfãos que perderam os pais ou foram violentamente separados deles para uma exploração brutal; jovens em busca duma realização profissional, cujo acesso lhes é impedido por míopes políticas económicas; vítimas de tantas formas de violência, desde a prostituição à droga, e humilhadas no seu íntimo (2019, n. 2).

O Papa ainda destaca “os milhões de migrantes vítimas de tantos interesses ocultos” e “tantas pessoas sem abrigo e marginalizadas que transitam pelas ruas das cidades” (2019, n. 2). Na mensagem de 2017, Francisco lembra que as dificuldades do mundo contemporâneo podem ser identificadas claramente por meio dos rostos dos pobres: marcados pelos sofrimentos, marginalizações, opressões, violências etc. São clamores provenientes da privação da liberdade e da dignidade, da ignorância e do analfabetismo. O Papa reconhece que o lado perverso da pobreza é consequência dos interesses da lógica do poder e do dinheiro. São tantos rostos que a lista nunca é completa, mas suas causas são a injustiça social, a ganância de poucos e a indiferença generalizada (2017, n. 5).

O Papa não se satisfaz em listar a multiplicidade dos pobres; vai além e aponta as condições dramáticas em que sobrevivem – como a necessidade de vasculhar as “lixeiros a catar o descarte e o supérfluo, a fim de encontrar algo para se alimentar ou vestir!”. Realidade que aos olhos da sociedade os torna cada vez mais distantes: “Parte duma lixeira humana, são tratados como lixo, sem que isto provoque qualquer sentido de culpa em quantos são cúmplices deste escândalo”. São, ao contrário,

considerados “parasitas da sociedade, não se lhes perdoa sequer a sua pobreza. A condenação está sempre pronta”. “Simplesmente porque pobres, serão tidos por ameaçadores ou incapazes.”. A gravidade fica clara, segundo Francisco, quando se chega ao ponto de teorizar e realizar uma “arquitetura hostil” para livrar-se da sua presença nas ruas, nos espaços considerados “vitrines” das cidades (2019, n. 2).

O salmista, conforme Francisco, descreve com vivo realismo o comportamento “dos ricos que roubam os pobres”. Armam ciladas para assaltar o pobre e o arrastam em sua rede (cf. Sl 10,9). Descrição dura e cruel, porque os pobres são incorporados a uma caçada, na qual podem ser “perseguidos, presos e feitos escravos”. Práticas dessa natureza contribuem para o esquecimento de uma “multidão de pobres, muitas vezes tratados com retórica e suportados com fastídio. Como que se tornam invisíveis, e a sua voz já não tem força nem consistência na sociedade”. Aparecem como seres estranhos nas cidades, nos bairros, nas casas e marginalizados, também entre os cristãos (2019, n. 3).

Os muros são muitos e as formas de obstruir a visibilidade dos pobres crescem nas arquiteturas urbanas, com o ledro engano de que haverá paz lá dentro, mesmo se não houver justiça para os de fora. Por isso, Francisco é profético ao lembrar que o “dia do Senhor”, descrito pelos profetas (cf. Am 5,18; Is 2,5), é de total transformação: destruirá as barreiras criadas entre países e substituirá a arrogância de poucos pela solidariedade de muitos (2019, n. 4).

Os diversos rostos feridos, descritos pelo Papa Francisco, deixam entrever que sua compreensão do pobre não acaba no genérico, como se fosse possível validar que todos de alguma forma são pobres. Esse é um dos perigos que sempre rondam a compreensão da opção pelos pobres. Todavia, assim como o testemunho de vida já demonstrado no percurso de seu pontificado, a própria iniciativa da criação do Dia Mundial dos Pobres comprova a preocupação de Francisco com os seus rostos concretos. A palavra “pobre” é para ele um termo que expressa as mais “variadas condições de sofrimento e marginalização em que vivem tantos irmãos e irmãs” (2018, n. 1).

Uma leitura dos escritos do magistério do Papa Francisco faz perceber que ele utiliza uma variação bastante ampla de palavras para expressar sua compreensão do pobre. No entanto, como assegura o teólogo Aquino Júnior, é um léxico “não tão amplo a ponto de, cinicamente, incluir-nos a todos, como se todos fôssemos pobres. Isso, além de encobrir as injustiças e desigualdades sociais e falsificar a realidade, terminaria, na prática, negando a opção pelos pobres” (AQUINO, 2019, p. 53). Na *Evangelii Gaudium*, Francisco parece deixar entrever esse perigo: “O Papa ama a todos, ricos e pobres, mas tem a obrigação, em nome de Cristo, de lembrar que os ricos devem ajudar os pobres, respeitá-los e promovê-los” (EG 58). Porque, do contrário, esvazia-se o sentido do termo: “Se somos todos pobres, a opção pelos pobres é opção por todos. E quando todos se tornam prioridade, ninguém mais é prioridade” (AQUINO, 2019, p. 53).

Em outra situação, ao abordar o dinamismo missionário da Igreja que precisa chegar a todos sem exceção, Francisco reconhece que o Evangelho oferece uma orientação muito clara sobre a quem priorizar: “Não tanto aos amigos e vizinhos ricos, mas sobretudo aos pobres e aos doentes, àqueles que muitas vezes são desprezados e esquecidos, ‘àqueles que não têm com que te retribuir’ (Lc 14,14)” (EG 48). Nesse mesmo contexto, esclarece que esse dever não se justifica pelo gosto pessoal, prioridade eclesial ou simples identificação com os pobres, mas por razões teológicas: “Hoje e sempre, os pobres são os destinatários privilegiados do Evangelho, e a evangelização dirigida gratuitamente a eles é sinal do Reino que Jesus veio trazer. Há que afirmar sem rodeios que existe um vínculo indissolúvel entre a nossa fé e os pobres” (EG 48).

É importante esse esclarecimento, porque é normalmente em torno da opção pelos pobres que se decide a envergadura do Evangelho, a tinta da evangelização, e a moldura da espiritualidade cristã. Aqui surgem os questionamentos, as diferentes maneiras de viver essa opção central da Igreja para ser seguidora de Jesus Cristo. A opção pelos pobres vem sendo muito bem articulada nos documentos de

Francisco, mas tem sua raiz na Tradição da Igreja, assumida com afinco pelos bispos em Aparecida. Naquela conferência, o episcopado latino-americano afirmou que é missão da Igreja ser “companheira de caminho de nossos irmãos mais pobres, inclusive até o martírio. Hoje queremos ratificar e potencializar a opção preferencial pelos pobres feita nas Conferências anteriores”. E concluiu: “Que seja preferencial implica que deva atravessar todas as nossas estruturas e prioridades pastorais” (Dap, n. 396).

Essa clarificação do significado dos pobres oferecida pelo Papa Francisco, no fundo, vem contribuir e validar o caminho trilhado pela longa Tradição da Igreja, que compreendeu o pobre como aquele que, em primeiro lugar, comporta uma carência das necessidades básicas de vida. Trata-se daquela pobreza que, segundo expressou Medellín, é preciso superar porque é contra a vontade e a justiça de Deus. Pobreza como realidade negativa que revela o pecado da humanidade. É precisamente nesse caminho que deve ser interpretada a citação bíblica no livro do Deuteronômio: “Para que não haja pobres no meio de vocês” (Dt 15,4).

Pobreza como busca evangélica: “estilo de vida”

O Papa Francisco, em sua primeira carta, assegura que para os “discípulos de Cristo, a pobreza é, antes de mais, uma vocação a seguir Jesus pobre. É um caminho atrás d’Ele e com Ele: um caminho que conduz à bem-aventurança do Reino dos Céus (cf. Mt 5,3; Lc 6,20)” (2017, n. 4). E deixa entrever sua definição de pobreza a partir de uma relação cristológica em Jesus-pobre.

Pobreza significa um coração humilde, que sabe acolher a sua condição de criatura limitada e pecadora, vencendo a tentação de onipotência que cria em nós a ilusão de ser imortal. A pobreza é uma atitude do coração que impede de conceber como objetivo de vida e condição para a felicidade o dinheiro, a carreira e o luxo. Mais, é a pobreza que cria as condições para assumir livremente as responsabilidades pessoais e sociais, não obstante as próprias limitações, confiando na proximidade de Deus e vivendo apoiados pela sua graça (2017, n. 4).

Nessa compreensão aberta por Francisco, pobreza é algo a ser buscado e não rechaçado. Entende-se: a) a pobreza como uma reserva de sentido para as criaturas que trazem a marca da finitude e do pecado; b) a pobreza como estilo de vida que vence o perigo do dinheiro, a carreira e o luxo; e c) a pobreza como condição para assumir livremente as responsabilidades pessoais e sociais confiando na graça de Deus.

A pobreza, assim entendida, vence o perigo da pauperização universal, que alguns podem entrever, para afirmar a pobreza como um paradigma de vida de acordo com o Evangelho. Percorrer esse caminho torna-se congruente com a santidade cristã. Apoiando-se em Santa Teresa de Ávila, Francisco afirma: “A pobreza é um bem que encerra em si todos os bens do mundo; assegura-nos um grande domínio; quero dizer que nos torna senhores de todos os bens terrenos, uma vez que nos leva a desprezá-los” (2018, n. 9). É a capacidade de discernimento dos bens que nos possibilita ser ricos diante de Deus e sábios diante de nós mesmos e dos outros. Diante dessa maturidade, pode-se dar à riqueza o seu justo e verdadeiro significado, que conseqüentemente precisa fazer crescer em humanidade e capacidade de partilha (2018, n. 9). Dessa forma, “a pobreza é o metro que permite avaliar o uso correto dos bens materiais e também viver de modo não egoísta nem possessivo os laços e os afetos” (2017, n. 4).

Não é difícil perceber que, na verdade, o Papa Francisco está propondo a necessidade de construir outro estilo de vida para vencer a crise antropológica em que o mundo está submerso. Em seu pontificado, ele chama constantemente a atenção a essa crise: “A adoração do antigo bezerro de

ouro (cf. Ex 32,1-35) encontrou uma nova e cruel versão no fetichismo do dinheiro e na ditadura duma economia sem rosto e sem um objetivo verdadeiramente humano” (EG 55). A crise da humanidade impõe a urgência de mudança de paradigma civilizatório. O mais do mesmo está gerando miséria, dor, exclusão e morte massiva dos pobres.

Francisco, ao explicar o sentido de “pobres em espírito”, é direto em relacioná-lo com o rico insensato do Evangelho de Lucas (cf. 12,16-21). Um coração que se sente rico não deixa espaço “para a Palavra de Deus, para amar os irmãos, nem para gozar das coisas mais importantes da vida. Deste modo priva-se dos bens maiores”. Ao contrário, os pobres em espírito são aqueles que têm o “coração pobre, onde pode entrar o Senhor com a sua incessante novidade” (GE 67-68).

Uma das primeiras considerações enfatizadas pelo Papa Francisco, no decorrer das cartas sobre o Dia Mundial dos Pobres, é o lugar que os pobres ocupam no reino de Deus. Aliás, essa prioridade se constitui em uma constante em seu magistério, e o que aparece nas cartas comprova a prioridade dos pobres. Nas três cartas, Francisco refere-se às bem-aventuranças para assegurar a relação dos pobres com o reino de Deus (cf. Mt 5,3; Lc 6,20) (2017, n. 4, 2018, n. 1, 2019, n. 4). Segundo o Papa, “constitui um refrão permanente da Sagrada Escritura a descrição da ação de Deus em favor dos pobres”. Deus é aquele que “escuta”, “intervém”, “protege”, “defende”, “resgata”, “salva”. Deus não poderá jamais ser encontrado indiferente ou silencioso perante a oração dos pobres. Porque Deus é aquele que faz justiça, não esquece, é um refúgio para o pobre e não cessa de vir em sua ajuda (2019, n. 4).

O deslocamento mais fundamental, no entanto, é perceber a identificação de Jesus com os pobres. Para Francisco, a Palavra de Deus indica: “Os pobres são todos aqueles que, não tendo o necessário para viver, dependem dos outros. São o oprimido, o humilde, aquele que está prostrado por terra”. Em seguida, o Papa afirma que, diante dessa multidão inumerável de indigentes, “Jesus não teve medo de se identificar com cada um deles: ‘Sempre que fizestes isto a um destes meus irmãos mais pequeninos, a Mim mesmo o fizestes’ (Mt 25,40)”. E conclui: “Esquivar-se desta identificação equivale a ludibriar o Evangelho e diluir a revelação. O Deus que Jesus quis revelar é este: um Pai generoso, misericordioso, inexaurível na sua bondade e graça, que dá esperança sobretudo a quantos estão desiludidos e privados de futuro” (2019, n. 4).

Como fazer essa experiência? Como é possível experimentar Deus e Jesus nos pobres? O Papa Francisco parece estar indicando um caminho mistagógico para essa experiência. Primeiro, lembra que os “pobres precisam de Deus, do seu amor tornado visível por pessoas santas que vivem ao lado deles e que, na simplicidade da sua vida, exprimem e fazem emergir a força do amor cristão”. Depois, esclarece que “Deus serve-se de tantos caminhos e de infinitos instrumentos para alcançar o coração das pessoas”. Não obstante, reconhece que os pobres também se aproximam das pessoas por causa do alimento, a sopa quente ou o sanduíche oferecido. E acrescenta: “Os pobres precisam das nossas mãos para se reerguer, dos nossos corações para sentir de novo o calor do afeto, da nossa presença para superar a solidão” (2019, n. 8). Por último, aparece o fundamental: o convite a deixar-se tocar nas entranhas para sentir-se salvo pelos pobres. Os pobres

salvam-nos, porque nos permitem encontrar o rosto de Jesus Cristo. Aos olhos do mundo, é irracional pensar que a pobreza e a indigência possam ter uma força salvífica; e, todavia, é o que ensina o Apóstolo quando diz: ‘Humanamente falando, não há entre vós muitos sábios, nem muitos poderosos, nem muitos nobres. Mas o que há de louco no mundo é que Deus escolheu para confundir os sábios; e o que há de fraco no mundo é que Deus escolheu para confundir o que é forte. O que o mundo considera vil e desprezível é que Deus escolheu; escolheu os que nada são, para reduzir a nada aqueles que são alguma coisa. Assim, ninguém se pode vangloriar diante de Deus’ (1Cor 1,26-29). Com os olhos humanos, não se consegue ver esta força salvífica; mas, com os olhos da fé, é possível vê-la em ação e experimentá-la pessoalmente. No coração do Povo de Deus em caminho, palpita esta força salvífica que não exclui ninguém, e a todos

envolve numa verdadeira peregrinação de conversão para reconhecer os pobres e amá-los (2019, n. 9).

Sobressaem-se algumas dimensões importantes que aludem ao teor salvífico dos pobres. Uma é que nos pobres encontra-se o próprio Cristo. É uma relação cristológica de primeira grandeza. Por isso, Francisco pode assegurar, a partir do fundamento cristológico, que tocar na carne dos pobres é tocar em Cristo. A outra é a clareza e o realce da *irracionalidade*, aos olhos do mundo, dessa salvação oferecida pelos pobres. No entanto, utilizando-se de argumentos paulinos, Francisco afirma que Deus escolheu o desprezível, o que não é para ser: os pobres, coxos, prostitutas, cegos, pecadores e outros. Ele finaliza observando que com os olhos da fé é possível ver a salvação em ação e experimentá-la pessoalmente. Mais: essa força salvífica que não exclui ninguém palpita na história e chama à conversão.

Esse avanço teológico impulsionado por Francisco traz implicações para superar ideias limitadas em relação à opção pelos pobres. Avançar para além de considerá-los simplesmente destinatários de uma boa obra de assistência, de gestos improvisados de boa vontade ou de outros trabalhos para pôr a consciência em paz. Essas experiências, embora válidas e úteis para nos sensibilizar diante de tantas pessoas injustiçadas, são um caminho que “deveria abrir a um verdadeiro *encontro* com os pobres e dar lugar a uma *partilha* que se torne estilo de vida. Na verdade, a oração, o caminho do discipulado e a conversão encontram, na caridade que se torna partilha, a prova da sua autenticidade evangélica” (2017, n. 3, grifo do Papa).

Ora, é dessa autenticidade do Evangelho, portanto, que segue, para Francisco, a identificação dos pobres com Cristo. “Se realmente queremos encontrar Cristo, é preciso que toquemos o seu corpo no corpo chagado dos pobres, como resposta à comunhão sacramental recebida na Eucaristia”, diz. E, nesse sentido, se pode perceber a relação intrínseca entre a liturgia, cume e fonte da vida eclesial, como proclamado pela *Sacrosanctum Concilium* (n. 10), e sua relação constitutiva com os pobres. “O Corpo de Cristo, partido na sagrada liturgia, deixa-se encontrar pela caridade partilhada no rosto e na pessoa dos irmãos e irmãs mais frágeis”. Em seguida, Francisco fala da atualidade das palavras do bispo São João Crisóstomo, quando disse: “Queres honrar o corpo de Cristo? Não permitas que seja desprezado nos seus membros, isto é, nos pobres que não têm que vestir, nem O honres aqui no templo com vestes de seda, enquanto lá fora O abandonas ao frio e à nudez” (2017, n. 3).

Nesse caminho soteriológico aberto por Francisco, vislumbra-se um contributo inestimável à fé cristã. Porque a opção pelos pobres alcança o status teológico, uma vez que os pobres, de destinatários do reino de Deus, se tornam protagonistas, sujeitos da evangelização, e daí passam definitivamente ao potencial salvífico, critério de salvação ou perdição para os cristãos (cf. Mt 25,31-46). E as consequências passam a comprometer a vida da Igreja, que não somente evangeliza os pobres, mas fundamentalmente é evangelizada por eles.

A pobreza como compromisso: evangelizar e ser evangelizado pelos pobres

A pergunta pela missão da Igreja sempre foi oportuna no percurso de sua história, com o objetivo de mantê-la fiel às suas origens. Desde o início, os pobres se tornaram a medida e o critério para autenticidade da evangelização (cf. Gl 2,10). Como foi lembrado anteriormente, a centralidade dos pobres no cristianismo está de acordo com o anúncio do reino de Deus inaugurado por Jesus e é missão que compete a “todos os batizados, desde o primeiro ao último”, porque neles “atua a força santificadora do Espírito que impele a evangelizar” (EG 119).

Uma das dimensões bem observadas por Francisco é que Jesus assinala com as bem-aventuranças a inauguração do Reino de Deus: “Felizes vós, os pobres” (Lc 6,20). No entanto, esse

anúncio se revela paradoxal. Por um lado, o reino pertence aos pobres, porque eles estão na condição de receber, mas, por outro lado, assiste-se ao crescimento dos pobres. O que significa esse paradoxo aos olhos da fé? Segundo Francisco, é possível afirmar que Jesus, ao colocar no centro os pobres, quer dizer precisamente isto: “Ele inaugurou, mas confiou-nos a nós, seus discípulos, a tarefa de lhe dar seguimento, com a responsabilidade de dar esperança aos pobres”. Em outras palavras: “É um programa que a comunidade cristã não pode subestimar. Disso depende a credibilidade do nosso anúncio e do testemunho dos cristãos” (2019, n. 5).

O caminho se apresenta, todavia, longo, porque a realidade se mostra em total desacordo com a vontade de Deus, que é vida em abundância para todos (cf. Jo 10,10). O que é preciso fazer para que cresça o reino? Em sua segunda carta, em 2018, Francisco abre um horizonte fecundo à missão da Igreja a partir de três verbos: “clamar”, “responder” e “libertar”.

Em primeiro lugar, Francisco lembra que o clamor dos pobres atravessa a história e chega a Deus. Seus sofrimentos, desilusão e esperança são acolhidos por Deus. Pergunta Francisco: “Como é possível que esse brado, que sobe à presença de Deus, não consiga chegar aos nossos ouvidos e nos deixe indiferentes e impassíveis?” E convida na oportunidade a “fazer um sério exame de consciência para compreender se somos verdadeiramente capazes de escutar os pobres” (2018, n. 2).

Nesse sentido, aponta para a necessidade da escuta silenciosa para reconhecer a voz dos pobres. Porque, muitas vezes, as nossas iniciativas, mesmo sendo necessárias, visam mais às nossas realizações do que realmente a acolher o clamor do pobre. Dessa forma, não acontece sintonia coerente com o coração dos pobres. Isso é fruto de uma cultura do indivíduo que obriga a cuidar exageradamente de si mesmo, que considera suficiente um gesto de altruísmo para ficar satisfeito, sem se comprometer diretamente com os outros (2018, n. 2).

Em segundo lugar, a mística do ouvir certamente conduzirá a Igreja a uma maior capacidade de responder aos apelos dos pobres. O testemunho de Deus, como atesta toda a história da salvação, sempre foi uma resposta cheia de amor. Essa perspectiva se revela como uma constância com o povo de Deus, inclusive quando há rompimento da aliança, com a idolatria (cf. Ex 32,1-14). Para Francisco, portanto, “a resposta de Deus ao pobre é sempre uma intervenção salvadora para cuidar das feridas da alma e do corpo, repor a justiça e ajudar a retomar a vida com dignidade” (2018, n. 3).

Na avaliação de Francisco, essa forma de atuação de Deus é um “apelo para que toda a pessoa que acredita n’Ele possa, dentro dos limites humanos, fazer o mesmo”. Por isso, o Dia Mundial dos Pobres “pretende ser uma pequena resposta, dirigida pela Igreja inteira dispersa por todo o mundo, aos pobres de todo o gênero e de todo o lugar a fim de não pensarem que o seu clamor caia no vazio”. Significa uma “gota de água no deserto da pobreza”, que chega como um “sinal de solidariedade para quantos passam necessidade”, com o objetivo de sentirem a presença ativa de um irmão ou irmã. E insiste que “a solicitude dos crentes não pode limitar-se a uma forma de assistência – embora necessária e providencial num primeiro momento –, mas requer aquela ‘atenção amiga’ que aprecia o outro como pessoa e procura o seu bem” (2018, n. 3).

Ao falar da *atenção amiga*, Francisco se reporta ao que escreveu na sua primeira exortação *Evangelii Gaudium*, na qual esclarece: “O nosso compromisso não consiste exclusivamente em ações ou em programas de promoção e assistência”. O que o Espírito coloca em movimento é uma atenção prestada ao outro, verdadeira preocupação pela sua pessoa. “Isto implica apreciar o pobre na sua bondade própria, com o seu modo de ser, com a sua cultura, com a sua forma de viver a fé”. O amor autêntico busca servir o outro não por necessidade ou vaidade, mas porque ele é belo. “Quando amado, o pobre é estimado como de alto valor, e isto diferencia a autêntica opção pelos pobres de qualquer ideologia, de qualquer tentativa de utilizar os pobres ao serviço de interesses pessoais ou políticos”. Somente com a “proximidade real e cordial é que podemos acompanhá-los adequadamente no seu caminho de libertação. Só isto tornará possível que os pobres se sintam, em cada comunidade cristã,

como ‘em casa’”. E pergunta Francisco: “Não seria, este estilo, a maior e mais eficaz apresentação da boa nova do Reino?” (EG 199).

A terceira perspectiva aberta por Francisco implica libertar. “O pobre da Bíblia vive com a certeza de que Deus intervém em seu favor para lhe devolver dignidade. A pobreza não é procurada, mas criada pelo egoísmo, a soberba, a avidez e a injustiça”. A ação libertadora do Senhor é um ato de salvação para os que estão na aflição e na angústia. As “amarras da pobreza são quebradas pelo poder da intervenção de Deus”. Poder contemplar a face de Deus é sinal da sua amizade, proximidade e do poder salvífico. Em seguida, Francisco unifica a dimensão teológica e antropológica, afirmando que

a salvação de Deus toma a forma de uma mão estendida ao pobre, que oferece acolhimento, protege e permite sentir a amizade de que ele necessita (2018, n. 4). É a partir dessa proximidade concreta e palpável que tem início um genuíno percurso de libertação: “Cada cristão e cada comunidade são chamados a ser instrumentos de Deus ao serviço da libertação e promoção dos pobres, para que possam integrar-se plenamente na sociedade; isto supõe estar docilmente atentos, para ouvir o clamor do pobre e socorrê-lo” (EG 187).

Nessas três atitudes, de ouvir o clamor, responder e libertar os pobres se revela o espírito e a força do Dia Mundial dos Pobres. Por isso, com razão o Papa considera esse dia um “momento privilegiado de nova evangelização. Os pobres evangelizam-nos, ajudando-nos a descobrir cada dia a beleza do Evangelho”.

Neste dia, sintamo-nos todos devedores para com eles, a fim de que, estendendo reciprocamente as mãos uns para os outros, se realize o encontro salvífico que sustenta a fé, torna concreta a caridade e habilita a esperança a prosseguir segura no caminho rumo ao Senhor que vem (2018, n. 10).

O Papa Francisco convida a “Igreja inteira e os homens e mulheres de boa vontade a fixar o olhar, neste dia, em todos aqueles que estendem as suas mãos invocando ajuda e pedindo a nossa solidariedade”. Destaca o fundamento teológico: “São nossos irmãos e irmãs, criados e amados pelo único Pai celeste”. Essa base dá a razão para estimular, em primeiro lugar, os “crentes, para que reajam à cultura do descarte e do desperdício, assumindo a cultura do encontro”. Reconhece, também, que infelizmente os homens ergueram fronteiras, muros e barreiras, traindo o dom originário destinado à humanidade de conviver sem qualquer exclusão (2017, n. 6). E, citando Paulo VI, aclara que é missão da Igreja cuidar de todos os pobres que “pertencem à Igreja por direito evangélico e obrigam à opção fundamental por eles” (2017, n. 5).

Conclusão

O presente texto buscou analisar as três cartas do Papa Francisco escritas por ocasião do Dia Mundial dos Pobres. A formulação da estrutura interpretativa seguiu a tríade concepção da pobreza originária da Conferência de Medellín, que foi assumida pela teologia da libertação e que, no caminho histórico posterior, se tornou marca inocultável do magistério da Igreja Católica. O pobre, empobrecido como resultado da injustiça e do pecado, aponta para a necessidade de superação, uma vez que se manifesta como situação contrária à vontade de Deus. A pobreza evangélica se configura em um *estilo de vida* testemunhado por Jesus Cristo e que precisa ser assumida por todos os cristãos. E, por fim, a pobreza é vista como compromisso dos que a assumem por opção e por amor à condição dos necessitados desse mundo. É a opção valente contra o poder do mal que essa pobreza representa. E a

coragem desse testemunho provém do próprio Cristo, que fez suas todas as consequências da nossa condição pecadora (cf. Fl 2) e que “sendo rico se fez pobre” (2Cor 8,9) para salvar-nos.

É nessa tríade que aparece a configuração do seguimento de Jesus Cristo e, conseqüentemente, da identidade cristã, haja vista que sempre pairam situações questionáveis e conflitivas em relação à opção pelos pobres. Já, em Puebla, a “opção pelos pobres” é afirmada como “opção preferencial e solidária” (1134) e “não exclusiva” (1165), num tom claramente corretivo, como se pode comprovar no próprio texto (cf. 1134). Santo Domingo segue o mesmo caminho, falando de uma “opção evangélica e preferencial, não exclusiva nem excludente” (178). E Aparecida, mesmo sem o tom corretivo de Puebla e Santo Domingo, não deixa de reafirmar ou advertir que se trata de uma opção “não exclusiva, nem excludente” (392).

Ao passar em revista o pensamento de Francisco, expresso em suas três cartas, fez-se perceber o resgate do conceito originário de pobreza como definiu Medellín. Nele está a importância da opção pelos pobres, segundo o testamento bíblico-teológico-cristológico, e a pertinência para a vida da Igreja que evangeliza e é evangelizada pelos pobres. Este constitui um destaque para a dimensão salvífica dos pobres, sem dúvida, uma irrenunciável contribuição e chamamento para ser uma Igreja pobre e dos pobres. Pois, abnegar desse caminho é abnegar da salvação cristã. Destarte, é preciso considerar a opção pelos pobres dentro da tríade de forma unificada, com o risco de devaneios letal para os pobres. Aqui se chama a atenção para uma compreensão circular que favorece o entendimento e evita mitigar a força revolucionária da opção pelos pobres no seio da fé cristã. A circularidade das três dimensões é o que garante e mantém o espírito da radicalidade da opção pelos pobres enraizada na vida de Jesus. Em outras palavras, esse é perigo que sempre ronda a fé cristã, o isolamento de uma das dimensões da pobreza, o que facilita cair em dicotomias que impedem compreender a originalidade da opção pelos pobres. Por exemplo, a ênfase na dimensão econômica, ou na pobreza evangélica, ou no compromisso com os pobres de forma compartimentada, infelizmente possibilitam tornar ideológica essa opção, em prejuízo, como sempre, para os pobres e oprimidos.

O foco específico de análise foram as cartas, mas quem acompanha os escritos e a prática, realizada através do testemunho de vida, percebe claramente que o Dia Mundial dos Pobres não é fato isolado no pontificado de Francisco, e sim, ao contrário, ele valida sua coerência com essa opção de “uma Igreja pobre para os pobres” (EG 198). E, nesse caminho, “ninguém pode sentir-se exonerado da preocupação pelos pobres e pela justiça social” (EG 201). Fazem parte da porta estreita do Evangelho a tomada de posição, a coerência e a decisão de carregar a cruz no seguimento de Jesus. Realidade essa que Francisco está sentindo na *carne* diante de posturas contundentes de oposições provenientes de fora, mas, sobretudo, de dentro da Igreja. Certamente, a opção pelos pobres é o tendão de Aquiles do inconformismo de parte expressiva da Igreja, acostumada em servir-se do poder e de suas regalias. Dizendo, com a ajuda do teólogo Celso Carias Pinto (2016, p. 77): como a Igreja, que revela o amor de Deus, a instituição que representa Cristo, não deveria tomar o mesmo caminho dos amados por Ele? Uma instituição que representa Aquele que viveu uma vida terrena sem alianças com os poderes de força, como o poder militar e político, também não poderia ser um testemunho de vida institucional que viva apenas do necessário para cumprir a missão? Assim não se garantiria um pouco mais de fidelidade ao Caminho deixado pelo Filho do Homem aos seguidores? No entanto, muitas vezes, parece reinar no interior da instituição eclesial o mesmo medo daquele jovem rico de Mt 19,16-22, que não quis dar aos pobres para ajuntar um tesouro no céu.

Essa dificuldade interna da Igreja se soma a uma realidade maior e mais dramática que se articula à compreensão e ao lugar dos pobres no mundo contemporâneo. No bojo da sociedade, cresce a aporofobia, como sustenta a tese desenvolvida pela filósofa espanhola Adela Cortina. Trata-se de uma criminosa discriminação social, que ela conceitua pela junção dos termos gregos *áporos* (pobre, sem recursos, indiferente) e *fobia* (medo, rejeição, hostilidade e aversão às pessoas pobres). Essa condição,

segundo a autora, representa um atentado diário, universal, quase invisível, contra a dignidade de pessoas concretas às quais o preconceito é direcionado e vinculado a características negativas de um coletivo. O reconhecimento de que somos todos aporófbos, afirma ela, nos permite modificar as raízes sociais e culturais para evitar essa forma de preconceito, agindo com compromisso para a defesa da igualdade e da dignidade das pessoas, com compaixão (CORTINA, 2017). É também nessa posição que se encontram as críticas mais veementes de Francisco, quando acusa esse modelo de economia, dominado pelas potências mundiais que acumulam abundantemente, deixando na miséria grande parte da humanidade. Vive-se sob um sistema que coloca o dinheiro no centro e que é assassino dos pobres e depredador dos bens e serviços da natureza (cf. EG 53-55).

Ora, o importante é perceber que os conceitos antigos e novos são formas de designar uma realidade de carne e osso: sempre os mesmos pobres sofrendores. A história hegemônica, no entanto, os qualifica de “pobres”, “insignificantes”, “excluídos”, “descartáveis”, “lixos humanos”, “áporos”. E a fé cristã continua teimosamente chamando-os: “filhos de Deus”, “prediletos de Jesus”, “povo crucificado”, “vítimas de uma sociedade sem coração”, “potencial de salvação”, entendendo que “perto dos pobres, perto de Deus”. Com quem está a verdade? Os Pilatos de ontem e de hoje não podem responder. Os profetas, no entanto, dizem que a verdade está oculta aos sábios e entendidos e foi revelada aos “áporos” do mundo (cf. Mt 11,25). O profeta Amós, por exemplo, oito séculos antes de Cristo, já denunciava os crimes cometidos pelos que “pisam, sobre o pó da terra, a cabeça dos pobres” (Am 2,7). Jesus, muito além de sua compaixão para com os pobres, mostra-se presente neles (cf. Mt 25,35-46). Assim, configura o caminho da salvação na forma de misericórdia, a partir de um coração sensível a quem vive na miséria e que, em consequência, compromete-se corajosamente com a justiça de Deus e seu Reino (cf. Mt 6,33).

É dessa maneira que a verdade ocultada se revela em dom-tarefa para os cristãos no mundo. Por isso, é oportuno concluir essa análise das cartas do Papa Francisco sobre o Dia Mundial dos Pobres com a esperança de outro mundo possível, a partir de uma porção de fermento que pode levedar toda a massa da esperança cristã.

Benditas as mãos que se abrem para acolher os pobres e socorrê-los: são mãos que levam esperança. Benditas as mãos que superam toda a barreira de cultura, religião e nacionalidade, derramando óleo de consolação nas chagas da humanidade. Benditas as mãos que se abrem sem pedir nada em troca, sem “se” nem “mas”, nem “talvez”: são mãos que fazem descer sobre os irmãos a bênção de Deus (2017, n. 5).

Referências

AQUINO JÚNIOR, Francisco de. **Teologia em saída para as periferias**. São Paulo: Paulinas, 2019.

CARIAS, Celso Pinto. **Outra teologia é possível, outra Igreja também**. Petrópolis: Vozes, 2016.

CELAM. **Conclusões de Medellín**. São Paulo: Paulinas, 1987.

CELAM. **Documento de Aparecida**. São Paulo: Paulinas, 2007.

CELAM. **Documento de Puebla**: conclusões da Conferência de Puebla — Evangelização no presente e no futuro da América Latina. São Paulo: Paulinas, 1986.

CELAM. **Santo Domingo**: conclusões da IV Conferência do Episcopado Latino-americano. São Paulo: Paulinas, 1992.

CORTINA, Adela. **Aporofobia, el rechazo al pobre**: un desafío para la democracia. Buenos Aires: Paidós, 2017.

FRANCISCO. **Exortação Apostólica Evangelii Gaudium**. São Paulo: Paulinas, 2013.

FRANCISCO. **Gaudete et Exultate**: sobre o chamado à santidade no mundo atual. São Paulo: Paulus, 2018.

FRANCISCO. **I Dia Mundial dos Pobres (2017)**: “Não amemos com palavras, mas com obras”. Disponível em: http://www.vatican.va/content/francesco/pt/messages/poveri/documents/papa-francesco_20170613_messaggio-i-giornatamondiale-poveri-2017.html.

FRANCISCO. **II Dia Mundial dos Pobres (2018)**: “Este pobre clama e o Senhor o escuta”. Disponível em http://www.vatican.va/content/francesco/pt/messages/poveri/documents/papa-francesco_20180613_messaggio-ii-giornatamondiale-poveri-2018.html

FRANCISCO. **III Dia Mundial dos Pobres (2019)**: “A esperança dos pobres jamais se frustrará”. Disponível em http://www.vatican.va/content/francesco/pt/messages/poveri/documents/papa-francesco_20190613_messaggio-iii-giornatamondiale-poveri-2019.html.

Recebido em 05/02/2020

Aceito em 11/08/2020

Received 02/05/2020

Approved 08/11/2020